

06

# MIGRAR PARA SOBREVIVER: UM DIÁLOGO ENTRE MULHERES DA GUATEMALA, HONDURAS E MÉXICO

*Andrea Dominique Galeano Colindres e Vanessa Albertina Sosa López\**

Andrea Dominique Galeano Colindres, das Honduras, é estudante de Ciências da Comunicação da [Universidade de Buenos Aires](#).

Vanessa Albertina Sosa López, da Guatemala, é engenheira ambiental, com mestrado em Desenvolvimento Rural pela [Universidade Autônoma Metropolitana](#), Divisão Xochimilco, Cidade do México.

\* As autoras redigiram este artigo seguindo uma metodologia participativa com a colaboração de Mercedes Leticia Correa Miranda, diretora da FIAN México; Sayda Tábora, facilitadora territorial da FIAN Honduras; e Anna Isern Sabrià, consultora especializada em desenvolvimento rural e soberania alimentar do Colectivo LAJUN IX na Guatemala. O material e relatos produzidos por elas foram adquiridos através de um questionário e duas teleconferências.

*“Quer permaneçam em trânsito ou tenham chegado ao seu destino, as mulheres pagam o preço de ocupar um lugar particular na sociedade, e são sempre agentes políticos ativos e catalisadoras de mudanças.”*

#### AGRADECIMENTOS |

Um agradecimento especial a Teresa Maisano (Secretariado do Mecanismo de Participação da Sociedade Civil e Povos Indígenas para as relações com o Comité de Segurança Alimentar Mundial), Marcos Arana Cedeño (Rede Internacional de Grupos Pró-Alimentação Infantil, IB-FAN), Andrea Nuila e M. Alejandra Morena (FIAN Internacional) pelo apoio na redação e revisão deste artigo.

#### FOTO |

David Ludwig / CC BY-SA 2.0.

Quando se fala em mulheres migrantes, o primeiro desafio é torná-las visíveis, entender os seus motivos, os riscos que enfrentam e as suas circunstâncias. O principal obstáculo é a inexistência de dados suficientes desagregados por género que permitam uma visão abrangente da situação das mulheres migrantes do México, Guatemala e Honduras. No entanto, através de uma análise sistémica dos factores que geraram um aumento da migração na região, é possível identificar múltiplas causas, desde dificuldades socioeconómicas e ameaças à segurança e integridade física, até condições climáticas adversas. Todos esses casos apresentam um elemento comum: as condições de vida no local de origem toleradas pelas pessoas que decidem migrar não são suficientes para elas alcançarem acesso sustentável à alimentação adequada<sup>1</sup>.

O objectivo deste artigo é abordar os desafios enfrentados pelas mulheres que migram e pelas que optam por ficar, e apresentá-las como motores reais de resistência quotidiana, em muitos casos, de resistência organizada. A meta é, primeiro, abordar as causas estruturais que afetam o total da população migrante e as causas específicas que prejudicam as mulheres. Segundo, analisar os desafios enfrentados pelas mulheres que permanecem e a forma como gerenciam o impacto da migração do chefe da família, seja homem ou mulher, em suas vidas. Terceiro, expor os riscos específicos do trânsito e da migração externa, incluindo o período em que essas pessoas finalmente conseguem se estabelecer no país de destino. Finalmente, abordar como, ao longo de cada uma das etapas e lugares, a migração gera um impacto na alimentação e nutrição das mulheres, no qual a possibilidade de acesso a uma dieta diversificada, saudável e sustentável é ainda mais restrita.

<sup>1</sup> PMA (2017) *Relatório sobre segurança alimentar e emigração: por que as pessoas fogem e o impacto que isso causa nas famílias que permanecem em El Salvador, Guatemala e Honduras*. Disponível em espanhol em: <https://es1.wfp.org/publicaciones/seguridad-alimentaria-y-emigracion-por-que-la-gente-huye-y-el-impacto-que-es-to-tiene>.

<sup>2</sup> Sassen, Saskia (2003). *Contra-geografias da globalização. Género e cidadania nos circuitos transfronteiriços*. Madrid: Traficantes de sonhos. Capítulo: A feminização da sobrevivência, pág.62.

## A FEMINIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO

Os meios de comunicação estigmatizam a figura dos migrantes e, por consequência, silenciam uma realidade: os acordos de livre comércio que destroem as economias locais, programas e empréstimos de ajuste estrutural do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Grupo Banco Mundial (BM), que foram promovidos na década de 80 e 90 e tiveram efeitos prejudiciais sobre a política econômica e programas estatais, especialmente os dirigidos a mulheres e crianças<sup>2</sup>. A isso se somam políticas extrativas, o avanço da monocultura em detrimento de lavouras que produzem a alimentação da família, estratégias de desapropriação de terras por multinacionais e fundos abastados, e a concentração da propriedade da terra<sup>3</sup>. Na Guatemala, por exemplo, 92% dos pequenos produtores ocupam 22% das terras do país, enquanto 2% dos produtores comerciais usam 57% das mesmas<sup>4</sup>.

As causas da migração estão intimamente ligadas ao modelo econômico e social, e diferentes formas de violência. Na Guatemala, segundo a Comissão do Migrante, 97,4% das pessoas que migram para os Estados Unidos o fazem porque em suas regiões de origem não há investimentos estatais ou políticas públicas com a meta de gerar emprego digno. Além disso, os salários mínimos não cobrem os custos da cesta básica<sup>5</sup>. Em Honduras, a desapropriação de terras para as comunidades camponesas, indígenas e *Garífunas* é uma das consequências do alinhamento do quadro jurídico e da política agroalimentar que facilita a privatização de recursos naturais pela indústria extrativa (mineração, energia e monoculturas). Isso destrói a dinâmica dos sistemas agroalimentares, por exemplo, pequenas propriedades rurais familiares, forçando as mulheres e meninas a viverem na pobreza e exclusão<sup>6</sup>.

Neste contexto, a região vive atualmente um processo de feminização da pobreza e da migração. De facto, tanto no México como nas Honduras e na Guatemala, as mulheres são forçadas a se deslocarem sozinhas ou com os seus filhos. De acordo com o Anuário de Migração e Remessas do México de 2017, nas estações mexicanas de ajuda a migrantes, a maioria dos estrangeiros abrigados é de origem guatemalteca, hondurenha e salvadorenha. Embora esse número não seja desagregado por gênero, dada a feminização da migração, deduz-se que nele se incluem mulheres centro-americanas. Da mesma forma, a fonte confirma que, nos últimos dez anos, o número de mulheres migrantes mexicanas aumentou.<sup>7</sup>

Dados sobre os motivos específicos e características da população migrante feminina são invisíveis na maioria das estatísticas sobre o tema da migração. No entanto, não há dúvida de que, para as mulheres, a violência de gênero contribui para que modelo socioeconômico seja a causa fundamental da imigração. No México, a Pesquisa Nacional sobre a Dinâmica das Relações Domésticas e Familiares mostrou que 43,9% das adolescentes com mais de 15 anos e mulheres foram vítimas de violência por parte dos seus parceiros em algum momento da sua relação atual ou passada<sup>8</sup>. Em casos como esses, o êxodo é muitas vezes a única opção para salvar as suas vidas<sup>9</sup>. Muitas delas conseguem entrar e permanecer no país de destino como refugiadas e/ou como requerentes de asilo.

Os casos diários de feminicídio nos três países, as queixas de violência de gênero e violência intrafamiliar são um reflexo das sociedades patriarcais das quais as mulheres são forçadas a fugir. Nas palavras da antropóloga mexicana Marcela Lagarde, o patriarcado é um dos espaços históricos do poder masculino, que encontra lugar

3 FAO (2017). *Região da América Latina e Caribe apresenta a maior desigualdade na distribuição de terra*. Disponível em: [www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/879573/](http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/879573/).

4 Guereña, Arantxa. OXFAM (2016). *Relatório executivo: Terra, poder e desigualdade na América Latina*. Pág. 29. Disponível em: [www.oxfam.org.br/publicacoes/relatorio-executivo-terra-poder-e-desigualdade-na-america-latina](http://www.oxfam.org.br/publicacoes/relatorio-executivo-terra-poder-e-desigualdade-na-america-latina).

5 Bornschein, Dick (2017). *Antecedentes: o caso da migração na Guatemala, causas e números*. Revista electrónica FLACSO. Disponível em espanhol: [www.flacso.edu.gt/dialogo/?p=1826](http://www.flacso.edu.gt/dialogo/?p=1826).

6 Informação de Sayda Tábora. Facilitadora territorial da FIAN Honduras, com base em um questionário e duas teleconferências realizadas em 18 de fevereiro e 7 de março de 2019.

7 Fundação BBVA Bancomer, A.C.; Secretaria de Governo/Conselho Nacional de População (2018). *Anuário de Migração e Remessas do México*. México: Fundação BBVA Bancomer, A.C.; SEGOB. Disponível em espanhol em: [www.bbva.com/wp-content/uploads/2018/09/1809\\_Anuario-MigracionRemesas\\_2018.pdf](http://www.bbva.com/wp-content/uploads/2018/09/1809_Anuario-MigracionRemesas_2018.pdf).

8 Instituto Nacional de Estadística e Geografía (2016). *Pesquisa Nacional sobre a Dinâmica de Relações nas Famílias. Principais Resultados*. México: INEGI. Disponível em espanhol em: [www.beta.inegi.org.mx/contenidos/programas/endi-reh/2016/doc/endi-reh2016-presentacion\\_ejecutiva.pdf](http://www.beta.inegi.org.mx/contenidos/programas/endi-reh/2016/doc/endi-reh2016-presentacion_ejecutiva.pdf).

9 Segundo o ACNUR, a região do Triângulo Norte e o México estão entre as mais violentas para as mulheres, a maioria delas denuncia que foram vítimas de extorsão, assédio sexual, estupro. ACNUR (2015) *Mujeres en fuga: Relatos de primera mano de refugiadas que huyen de El Salvador, Guatemala, Honduras y México* (Mulheres em fuga. Relatos de primeira mão de refugiadas que fogem da Guatemala, México, El Salvador e Honduras). Disponível em espanhol em: [www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2016/10666.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2016/10666.pdf).

10 Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento IDRC (2016). *Violencia contra las mujeres en contexto de migración* (Violência contra as mulheres no contexto da migração). P.13. Disponível em espanhol em: <https://idl-bnc-idrc.dspace.org/bitstream/handle/10625/55953/IDL-55953.pdf>.

- 11 Max Haiven (2009). *Silvia Federici, On capitalism, colonialism, women and food politics* (Silvia Federici, sobre o capitalismo, colonialismo, mulheres e a política de alimentos) <https://politicsandculture.org/2009/11/03/silvia-federici-on-capitalism-colonialism-women-and-food-politics/>; e Asakura, Hiroko (2014) *Migración femenina centroamericana y violencia de género: pesadilla sin límites*. (Migração feminina de centro-americanas e violência de gênero: pesadello sem limites). Disponível em espanhol em: <http://web.isanet.org/Web/Conferences/FLACSO-ISA%20BuenosAires%202014/Archive/dc40cf25-a495-4a32-8b27-c78581d77584.pdf>.
- 12 Na Guatemala, os dados oficiais da Secretaria de Segurança Alimentar - SESAN - relatam 46,5% de desnutrição crônica entre crianças de 0 a 5 anos de idade. A sociedade civil calcula percentagens de 60% a 70% na maioria dos municípios indígenas (Quiché, Totonicapán e Huehuetenango). Veja o Mapa da Desnutrição Crônica por Departamento, preparado pela SESAN. Disponível em: [www.siisan.gob.gt/siisan/ensmi/#](http://www.siisan.gob.gt/siisan/ensmi/#).
- 13 Córdova Montes, Denisse, Schieck Valente, Flavio Luiz (2014). *A interdependência e indivisibilidade do direito à alimentação e nutrição adequadas e os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres*, em Observatório do direito à alimentação e nutrição. Disponível em: [www.righttofoodandnutrition.org/files/rtfanw-2017\\_por.pdf](http://www.righttofoodandnutrition.org/files/rtfanw-2017_por.pdf)
- 14 Mulheres, meninas e adolescentes que ficam para trás e permitem que o chefe da família migre. Veja Asier, Vera (2018). *Histórias das mulheres do êxodo centro-americano*. Revista laCuerda. Guatemala agosto-setembro, 2018. No 208. Disponível em espanhol em: [www.lacuerdaguatemala.org/archivo-pdf](http://www.lacuerdaguatemala.org/archivo-pdf).
- 15 Informação de Marcos Arana Ceño enviada por correio eletrônico como parte de seu artigo "Reflexões sobre a migração e o direito à alimentação e nutrição" em 1 de fevereiro de 2019.
- 16 Anuário de Migração e Remessas do México. Nota 7 *supracitada*.
- 17 Antecedentes: o caso das migrações na Guatemala, causas e cifras. Nota 5 *supracitada*.
- 18 Para mais informações, veja: Gutiérrez Escobar, Laura; Vélez, Alemanha (2016). *La lucha por las semillas libres de los pueblos latinoamericanos: experiencias de Brasil, Ecuador, Colombia, Honduras y Guatemala* (A luta pelas sementes livres dos povos latino-americanos: experiências do Brasil, Equador, Colômbia, Honduras e Guatemala). Pág. 78. Dis-

nas mais diversas formações sociais<sup>10</sup>. Através delas, poderemos verificar a interação entre a violência por razões de gênero e a violência estrutural que é gerada nas esferas do Estado e atores privados e interferem na possibilidade das mulheres de produzir, ter acesso a métodos de produção, e controlar a produção de alimentos<sup>11</sup>.

Na realidade, isso é ilustrado no quadro jurídico, em algumas normas criminais que permitem sancionar e controlar a autonomia das mulheres de tomar decisões relacionadas com os seus corpos. Essa situação afecta negativamente a saúde sexual e reprodutiva e o bem-estar nutricional das mulheres. Destacam-se os altos índices de gravidez na adolescência, a proibição da pílula anticoncepcional de emergência e a criminalização da interrupção da gravidez. Muitas vezes, meninas e adolescentes sofrem atrasos no crescimento como resultado da desnutrição e, por sua vez, os bebês também sofrem de desnutrição<sup>12</sup>. Por outro lado, as ideias e práticas que subjagam as mulheres geralmente as colocam como principais responsáveis pela reprodução social do trabalho, o que inclui as tarefas domésticas e de higiene e o dever de alimentar suas famílias e dependentes<sup>13</sup>.

### RADIOGRAFIA DE UMA MIGRANTE: CAMPO E CIDADE

Quando se fala em migração, o papel das mulheres<sup>14</sup> que ficam para trás é muitas vezes esquecido e elas geralmente têm a responsabilidade de prover e cuidar de suas famílias. É importante notar que "para todo o homem que migra, há pelo menos uma mulher que assume o trabalho e os papéis sociais e familiares daquele que sai"<sup>15</sup>. As mulheres que ficam devem garantir sua própria alimentação, assim como a de suas filhas e filhos. Vale lembrar que a pessoa que migra está em trânsito e, enquanto aguarda a chegada da primeira remessa, a mulher que permanece em casa deve continuar a apoiar a família. Caso a remessa não chegue e/ou a pessoa que migra não entre em contacto, a situação torna-se mais precária. De acordo com o Anuário de Migração e Remessas do México<sup>16</sup>, em média, apenas 5% dos migrantes enviam remessas para as suas famílias. Além disso, muitas famílias assumem o risco de vender as suas terras<sup>17</sup> e fazer empréstimos para levantar o dinheiro que lhes permite migrar. É por essa razão que aqueles que permanecem no comando familiar não têm a possibilidade de continuar a cultivar os seus próprios alimentos. Para as mulheres que ficam, além das responsabilidades económicas e sociais, soma-se o impacto emocional e psicológico causado pela separação e incerteza sobre se a pessoa que migrou conseguirá atingir as suas metas.

Em muitos casos, as mulheres que permanecem<sup>18</sup> batalham e se envolvem em movimentos para combater as causas estruturais da migração; elas são promotoras de mudança e transformam-se em articuladoras políticas ativamente envolvidas na defesa da soberania alimentar, do direito humano à alimentação e nutrição adequadas e outros direitos humanos. Embora esse aspecto seja positivo e sua luta seja de vital importância, essas ativistas enfrentam no México<sup>19</sup>, Honduras e Guatemala<sup>20</sup> não só a dificuldade de conciliar seu papel de defensoras de direitos com o papel tradicional de gênero, mas também ameaças, ataques e outros riscos enfrentados por quem tenta ser ouvida. As mulheres também estão sujeitas a ataques específicos de gênero, como violência e assédio sexual. De acordo com um relatório do Relator Especial da Organização das Nações Unidas sobre a situação de ativistas de direitos humanos nas Honduras, "durante 2016 e 2017, foram registados um total de 2.137 ataques [contra mulheres ativistas], incluindo sérios atentados contra sua vida e integridade física, um número elevado de campanhas de difamação,

deslegitimação e criminalização, bem como inúmeras ameaças e intimidações”. As mulheres que defendem a terra e os direitos dos povos indígenas são as principais vítimas de ataques. Além disso, ao acompanhar as vítimas de violência doméstica na denúncia e nos processos judiciais, as defensoras dos direitos das mulheres nas Honduras frequentemente recebem ameaças de morte e ameaças sexuais.<sup>21</sup>

Embora os dados estatísticos sejam escassos e não desagregados, pode-se afirmar que as pessoas que migram internamente no México<sup>22</sup>, Guatemala e Honduras, são principalmente da zona rural e vivem abaixo da linha de pobreza ou extrema pobreza. Elas migram com a esperança de melhorar as suas condições de vida e mudar para cidades com maior crescimento económico<sup>23</sup>. Tanto homens quanto mulheres tornam-se trabalhadores de fábricas, trabalhadores agrícolas e trabalhadores do sector dos serviços. Quando não conseguem emprego, a única opção possível é unir-se à economia informal que subsiste com o subemprego<sup>24</sup>. No caso das mulheres da zona rural, indígenas e camponesas, grande parte viaja para as cidades para realizar o trabalho de limpeza, perpetuando os papéis de género que lhes são atribuídos, em empregos que geralmente oferecem pouca ou mínima remuneração<sup>25</sup>. As mulheres que migram internamente desempenham um papel indispensável para que as mulheres de áreas urbanas possam ter acesso ao mundo do trabalho juntamente com os homens, uma vez que elas realizam o trabalho doméstico da família. Sem elas, o acesso ao mercado de trabalho daquelas que as contratam seria limitado.

## TRAVESSIA DE CORPOS

Nesse contexto, estamos testemunhando não apenas o aumento e a feminização da migração, mas também o surgimento de novas formas de migração no México, Guatemala e Honduras. Uma das formas mais impressionantes são as caravanas de migrantes da América Central para os EUA, que começaram em outubro de 2018 em Honduras, marcando um novo movimento que continua forte em 2019. Uma das razões pelas quais milhares de migrantes decidem viajar em grupo é que isso pode reduzir os perigos do crime organizado que assombram os migrantes que viajam sozinhos ou em pequenos grupos.

Apesar desse novo movimento, nos últimos meses foi registado o desaparecimento de migrantes viajando em caravanas para os Estados Unidos. Num dos casos, a imprensa relatou o desaparecimento de 22 pessoas<sup>26</sup> que viajavam de autocarro. Noutro sequestro com características semelhantes, 25 pessoas desapareceram. Os dados não especificam o número de mulheres desaparecidas. No entanto, em geral, as mulheres da América Central que migram enfrentam grandes riscos. No caminho, elas frequentemente são vítimas de roubo, extorsão e abuso sexual: seis em cada dez mulheres são violadas e, por isso, muitas vezes elas preparam-se tomando anticoncepcionais semanas antes de iniciar a viagem para evitar a gravidez<sup>27</sup>.

Na jornada ao norte, as mulheres muitas vezes assumem os papéis clássicos do cuidado familiar. Ainda são mães, cozinham, procuram comida e um lugar para dormir para elas e seus filhos e filhas<sup>28</sup>. Geralmente, o acesso a comida e bebida é limitado, e as mulheres normalmente comem menos para priorizar a alimentação dos filhos.

ponível em espanhol em: [www.righttofoodandnutrition.org/files/WATCH\\_2016\\_Article\\_12\\_span-La%20lucha%20por%20las%20semillas%20libres%20de%20los%20pueblos%20latinoamericanos.pdf](http://www.righttofoodandnutrition.org/files/WATCH_2016_Article_12_span-La%20lucha%20por%20las%20semillas%20libres%20de%20los%20pueblos%20latinoamericanos.pdf).

19 ONU. (2016). *Expertos de la ONU piden a México contrarrestar la campaña de desprestigio y respaldar a los defensores de derechos humanos* (Especialistas da ONU pedem ao México para combater a campanha de difamação e apoiar os defensores dos direitos humanos). Disponível em espanhol em: [www.ohchr.org/SP/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=19784&LangID=S](http://www.ohchr.org/SP/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=19784&LangID=S).

20 Para mais informações, veja: *Tendencia devastadora de crímenes contra defensores de derechos humanos en Guatemala : 18 este año, indica organización WOLA* (Tendência devastadora de crimes contra defensores de direitos humanos na Guatemala: 18 este ano, indica a organização WOLA). Disponível em: [elperiodico.com.gt/nacion/2018/08/01/tendencia-devastadora-de-crímenes-contra-defensores-de-derechos-humanos-en-guatemala-18-este-año-indica-organizacion-wola/](http://elperiodico.com.gt/nacion/2018/08/01/tendencia-devastadora-de-crímenes-contra-defensores-de-derechos-humanos-en-guatemala-18-este-año-indica-organizacion-wola/).

21 ONU (2019). *Visita a Honduras. Relatório do Relator Especial sobre a situação dos defensores dos direitos humanos*. Pág. 10-13. Disponível em espanhol em: [www.refworld.org/es/pdfid/5c63170d4.pdf](http://www.refworld.org/es/pdfid/5c63170d4.pdf).

22 De acordo com o Anuário de Migração e Remessas do México: 5,2% de pessoas mexicanas que emigraram para os EUA trabalham no sector primário, agricultura, e desse total, 3,2% são mulheres; 33,2% trabalham no sector secundário, indústria e manufaturação, e, desse total, 15,1% são mulheres. A grande maioria, especificamente 61,5%, trabalha no sector terciário, e 81,7% são mulheres. Nota 16 acima *supracitada*.

23 Em Honduras, 48,7% são homens e 51,3% são mulheres. Triagem da população municipal e departamental feita pelo INE, em 2014, e do Estudo de caracterização do deslocamento interno em Honduras feito pela Comissão Interinstitucional para a proteção de pessoas deslocadas pela violência.

24 Informação de Sayda Tábora. Nota 6 *supracitada*.

25 Informação de Anna Isern Sabriá. Consultora especializada em desenvolvimento rural e soberania alimentar do Coletivo LAJUN IX na Guatemala a partir de um questionário e duas teleconferências realizadas em 18 de fevereiro e 7 de março de 2019.

- 26 Urrutia, Alonso; Jiménez, Néstor (2019). *Ya van dos autobuses secuestrados como el de Tamaulipas: AMLO*. (Já são dois autocarros sequestrados como o de Tamaulipas: AMLO). La Jornada, 13 de maio de 2019. Disponível em espanhol em: [www.jornada.com.mx/ultimas/2019/03/12/se-indaga-caso-de-autobus-de-tamaulipas-con-eu-y-centroamerica-amlo-5261.html](http://www.jornada.com.mx/ultimas/2019/03/12/se-indaga-caso-de-autobus-de-tamaulipas-con-eu-y-centroamerica-amlo-5261.html).
- 27 Informação de Anna Isern Sabrià. Nota 25 *supracitada*.
- 28 Informação de Marcos Arana Ceño. Nota 15 *supracitada*.
- 29 Informação de Anna Isern Sabrià. Nota 25 *supracitada*.
- 30 Com informação de Anna Isern Sabrià Op. Cit.
- 31 “As mulheres mexicanas que residem nos Estados Unidos têm vários dos factores de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, tais como: alta ingestão de gorduras saturadas, hipertensão e diabetes, entre outros. (...) [devido à] ingestão de alimentos densamente energéticos (açúcares concentrados e gorduras).” Arenas-Monreal, Luz etc. (2013). *Cambios alimenticios en mujeres morelenses migrantes a Estados Unidos*. (Mudanças alimentares em mulheres migrantes de Morelos para os Estados Unidos). Saúde Pública do México, [S.l.], v. 55, n. 1, p. 35-42, jan. Disponível em espanhol em: [www.saludpublica.mx/index.php/spm/article/view/7186/9341](http://www.saludpublica.mx/index.php/spm/article/view/7186/9341). ISSN 1606-7916.
- 32 “[...] os migrantes requerem atendimento médico principalmente para tratar dor física e desconforto, dores de cabeça, enxaquecas recorrentes, dores de estômago, desconforto intestinal, hipertensão, vômitos, dor muscular, amenorreia, ulcerações, dermatite, perda de cabelo, fadiga crónica (Rozo, 2008). Outros problemas de saúde [relacionados aos alimentos] são a diabetes [e] a obesidade [...]”. Ceja Fernández, etc. (2014). *Salud y enfermedad en los migrantes internacionales México-Estados Unidos* (Saúde e doenças em migrantes internacionais México-Estados Unidos). Ra Ximhai [online], 10 (janeiro-junho). Disponível em espanhol em: <https://redalyc.org/articulo.oa?id=46129579013>.
- 33 Domínguez, Ana Sofía; Olmedo, Eduardo; Rayo, Mariano. (2018). *Migración y Remesas. Incidencia en las condiciones de vida en cuatro departamentos: San Marcos, Huehuetenango, Quetzaltenango y Zacapa. Aproximación cuantitativa y cualitativa de la incidencia del uso de remesas familiares en los hogares receptores* (Migração e Remessas. Incidência nas condições de vida em quatro departamentos: San Marcos, Huehuetenango, Quetzaltenango e Zacapa. Aproximação

Não apenas aquelas que ficam ou estão em trânsito enfrentam grandes desafios para garantir o seu direito à alimentação e nutrição e ao resto de seus direitos humanos. Ao chegar ao destino, algumas mulheres também desempenham papéis de género e tarefas de cuidado que lhes “correspondem”, enquanto outras são empregadas pelo sector agrícola ou a indústria. Além de conseguir um emprego, redes de apoio para migrantes, redes familiares ou “paisanos”, como são chamados os compatriotas, são importantes. Por exemplo, as comunidades indígenas guatemaltecas<sup>29</sup> têm o hábito de migrar para “bairros” ou cidades específicas, onde sabem com certeza que encontrarão outros membros de sua comunidade de origem. Desta forma, os diferentes grupos étnicos do país podem ser encontrados nesses lugares. O fenómeno é observado com maior força nas comunidades indígenas que em outras etnias não-indígenas, já que o facto de não falar a língua espanhola ou o inglês é uma limitação ao chegar.

Essas redes são as primeiras a apoiar mulheres e homens migrantes para que eles se possam alimentar enquanto conseguem um emprego. Aqueles que migram sem essas redes de apoio, muitas vezes têm mais dificuldades em garantir os seus direitos humanos, incluindo o direito à alimentação e nutrição.

### **DIGA-ME PARA ONDE MIGRAS, QUE EU DIR-TE-EI COMO TE ALIMENTAS**

O fenómeno da migração tem múltiplos impactos na alimentação. Quando as pessoas migram da zona rural para as áreas urbanas dentro do país, o ritmo acelerado e o custo de vida na cidade as obriga a gastar os seus rendimentos na compra de alimentos ultraprocessados, sopas instantâneas, alimentos enlatados, fritos, produtos “prontos para consumir” e refrigerantes. Nas contínuas visitas às suas comunidades, elas levam esses novos padrões de consumo que são percebidos como um símbolo de sucesso, o que leva a uma desvalorização dos alimentos locais e tradicionais.

Já as pessoas que migram para as cidades grandes e superpovoadas da América do Norte absorvem rapidamente um novo contexto de alimentos, no qual é comum que recorram às redes de *fast food*<sup>30</sup>, que façam uma única refeição ao dia, e que consumam alimentos de baixo custo para sobreviver e poder enviar remessas mensais às suas famílias. Vários estudos confirmam que a saúde dos migrantes se deteriora devido ao consumo de alimentos ultra processados, ricos em açúcar e aditivos químicos. As doenças cardiovasculares<sup>31</sup>, diabetes e obesidade<sup>32</sup> são os problemas de saúde mais frequentes entre os migrantes que vivem nos Estados Unidos.

O impacto da migração não afecta apenas os padrões de alimentação no nível individual, mas também no nível da família. Embora existam estudos que confirmam que as remessas melhoram o padrão de vida das famílias nos seus países de origem<sup>33</sup>, muitas vezes, outras deixam de trabalhar na terra e produzir os seus próprios alimentos quando o poder aquisitivo familiar aumenta e elas ganham acesso a alimentos considerados “prestigiosos”, tendo de enfrentar desde a fome<sup>34</sup> à malnutrição<sup>35</sup>, definida como a ingestão de alimentos em que o importante parece ser a quantidade ou a adição de vitaminas, como os cereais enriquecidos com vitaminas e ferro, mas com alto teor de açúcar.

Ao ter maior rendimento, as famílias aumentam significativamente o consumo de serviços e tecnologia; e quanto mais tecnologia, maior o bombardeio pelos meios de comunicação<sup>36</sup>. Segundo vários autores e autoras, esse facto está diretamente relacionado aos hábitos alimentares<sup>37</sup>, principalmente na infância, devido à exposição diária à publicidade.

Nesse complexo processo de aumento do poder aquisitivo das famílias, do chamado “sequestro do paladar”<sup>38</sup> o impacto dessa prática<sup>39</sup> e do bombardeio da publicidade<sup>40</sup>, o consumo de alimentos está mais associado à indústria publicitária<sup>41</sup> e aos acordos de livre comércio<sup>42</sup> que ao seu valor nutricional. A nutrição e a alimentação adequadas deixam de ser concebidas como um direito humano e transformam-se, de forma simples e clara, num mero ato de comer o produto anunciado.

Embora as pessoas que migram, tanto dentro como para fora do país, modifiquem a sua dieta com base no rendimento e redes de apoio e, embora o novo ambiente as leve a consumir diariamente alimentos industrializados de grandes multinacionais, práticas de resistência também são vistas para preservar o “sabor da terra de origem” no local de destino. Em muitos casos, as mulheres migrantes no exterior sentem falta<sup>43</sup> da comida de sua própria terra e são elas que tentam reproduzir a sua preparação. Homens e mulheres que moram no exterior concordam que, depois de suas famílias, o que mais sentem falta é comida tradicional. Apesar de tudo, comer é uma parte fundamental da identidade.

Em termos de impactos nas famílias, existem várias iniciativas<sup>44</sup> que estão alertando e consciencializando esse grupo sobre os efeitos da malnutrição e reivindicando o direito à alimentação e nutrição adequadas. Enquanto no ambiente privado e quotidiano das famílias com membros que migraram, geralmente são as mulheres que estão na vanguarda de todos os esforços e o movimento de resistência em favor de uma boa nutrição e alimentação.

## MIGRAMOS EM CONDIÇÕES ESPECÍFICAS, MIGRAMOS COMO MULHERES

Muitas das mulheres migram para garantir o direito a uma vida livre de violência, para garantir a si e às suas famílias o direito à alimentação e nutrição, e para que sejam reconhecidas como mulheres migrantes<sup>45</sup>, e obter os direitos que o sistema neoliberal bloqueia e os Estados não garantem. A migração é uma maneira de resistir à violência múltipla que enfrentam nos seus países de origem.

Quer permaneçam em trânsito ou tenham chegado ao seu destino, as mulheres pagam o preço de ocupar um lugar particular na sociedade, e são sempre agentes políticos ativos e catalisadoras de mudanças. As várias maneiras de sobreviver à jornada perigosa para os Estados Unidos, reorganizar a estrutura económica familiar com base na migração do chefe da família, e a violência de género que as assombra durante toda a jornada são evidências das múltiplas formas de resistência das mulheres centro-americanas e mexicanas.

quantitativa e qualitativa da incidência do uso de remessas familiares nos domicílios receptores). Konrad Adenauer Stiftung, ASIES, Iniciativa Think Thank. Guatemala. Disponível em espanhol em: [https://s3.amazonaws.com/asies-books/books/2018\\_%20Migracion\\_y\\_Remesas.pdf](https://s3.amazonaws.com/asies-books/books/2018_%20Migracion_y_Remesas.pdf) e Canales Cerón, Alejandro I. (2008). *Remesas y desarrollo en América Latina: Una relación en busca de teoría* (Remesas e desenvolvimento na América Latina: uma relação em busca de teoria). Revista electrónica Migración y Desarrollo No. 1. pp.5-30. Disponível em espanhol e inglês em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-75992008000200001&lng-es&tlng-es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-75992008000200001&lng-es&tlng-es).

34 Segundo o índice Global da Fome de 2018, que mede a taxa da fome e desnutrição no mundo, o México aparece na 22a posição, Honduras na 59a e a Guatemala, na 70a, entre 119 países. Disponível em inglês em: [www.globalhungerindex.org/results/](http://www.globalhungerindex.org/results/).

35 Veja o índice Global da Fome de 2017. *As desigualdades da fome*. Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas Alimentares, Concern Worldwide, Welthungerhilfe. Washington, DC / Dublin / Bonn. 2017. Disponível em inglês: [www.globalhungerindex.org/pdf/en/2017.pdf](http://www.globalhungerindex.org/pdf/en/2017.pdf).

36 Veja Reyes Pedraza, María Eugenia; García González, Janet e Téllez Castilla, María (2018). *Impacto de la publicidad en los hábitos alimenticios en los niños* (Impacto da publicidade nos hábitos alimentares das crianças). Revista Española de Comunicación en Salud. Vol. 9, No. 2, 116-126. Disponível em espanhol e inglês em [www.researchgate.net/publication/329778897\\_Impacto\\_de\\_la\\_publicidad\\_en\\_los\\_habitos\\_alimenticios\\_en\\_los\\_ninos](http://www.researchgate.net/publication/329778897_Impacto_de_la_publicidad_en_los_habitos_alimenticios_en_los_ninos) Impact of advertising on children's eating habits.

37 Menéndez García, R. A. e Franco Díez, F. J. (2009). *Publicidad y alimentación: influencia de los anuncios gráficos en las pautas alimentarias de infancia y adolescencia* (Publicidade e alimentação: influência de anúncios gráficos nos padrões alimentares da infância e adolescência). Nutrición Hospitalaria. Vol.24 no.3 Madrid maio. /jun. 2009. Disponível em espanhol: [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0212-16112009000300009](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0212-16112009000300009).

38 *Comida procesada engaña al paladar; distorsiona la saciedad: OPS* (Comida processada engana o paladar; distorce a saciedade). Disponível em espanhol em: [www.excelsior.com.mx/nacional/2016/02/18/1075896](http://www.excelsior.com.mx/nacional/2016/02/18/1075896).

- 39 *Que é o paladar "sequestrado" e quais são suas repercussões?*. Disponível em <https://xepi.com.mx/completa1.php?i=103035>.
- 40 Fernández, Belén (2016). Los tratados de libre comercio y la alimentación: un maridaje agri-dulce (Acordos de livre comércio e alimentação: um emparelhamento agridoce). Disponível em espanhol: <https://ecosfron.org/los-tratados-de-libre-comercio-y-la-alimentacion-un-maridaje-agridulce/>.
- 41 *Veja Publicidad, expendios, programas públicos...Un sistema alimentario perverso que nos enferma* (Publicidade, lojas de varejo, programas públicos...Um sistema alimentar perverso que nos adocece). Disponível em espanhol em: [www.jornada.com.mx/2013/02/16/cam-publicidad.html](http://www.jornada.com.mx/2013/02/16/cam-publicidad.html).
- 42 "A entrada em vigor do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) permite a importação em massa de produtos processados ultrarricos em açúcar, gordura, sal e pobre em fibras." *Veja Arana Cedeño, Marcos e Cabada. Xavier (2015). Las políticas de nutrición como rehén de las transnacionales y los conflictos de interés: la epidemia de obesidad y diabetes en México* (Políticas de nutrição como reféns de transnacionais e conflitos de interesse: a epidemia de obesidade e diabetes no México). Disponível em espanhol em: [www.righttofoodandnutrition.org/files/watch\\_2015\\_article\\_12\\_span las politicas de nutricion como rehen de las transnacionales y los conflictos de interes.pdf](http://www.righttofoodandnutrition.org/files/watch_2015_article_12_span las politicas de nutricion como rehen de las transnacionales y los conflictos de interes.pdf).
- 43 Para mais detalhes, veja: Medina Luque, Francesc Xavier (Editor) (2014). *Alimentación y migraciones en Iberoamérica* (Alimentação e migrações na América Ibérica). *Capítulo I. Introducción. Alimentación e migrações na América Ibérica: novas perspectivas sobre temas eternos*. Primeira edição, em espanhol. Barcelona. Pág. 19-30. Editorial UOC.
- 44 Como a Coordenação Latino-Americana de Organizações Rurais CLOC Vía Campesina, Sementes de Vida, Sem milho não há país, Rede Centro-Americana de Mulheres Rurais, indígenas e camponesas RECMURIC, entre muitas outras entidades.
- 45 No dia 4 de novembro de 2018, no Centro Cultural Tlatelolco da Cidade do México, como parte do 8o Fórum Social Mundial sobre Migração, foi fundada a Assembleia Mundial das Mulheres na Migração. Veja a Declaração: [www.facebook.com/FSMM2018/photos/a.41875700855125/604920423272115/?type=3&theater](https://www.facebook.com/FSMM2018/photos/a.41875700855125/604920423272115/?type=3&theater).

A migração é e sempre foi um elemento histórico de mudança alimentar, que tem efeitos tanto nos locais de origem quanto nos de destino, e que está relacionada à saúde das mulheres e à sua própria identidade. Há necessidade de estatísticas e estudos que analisem as condições particulares das mulheres quando elas migram, uma vez que essas condições existem e devem ser recolhidas e analisadas para uma maior compreensão do fenômeno na sua totalidade. Portanto, uma análise completa deve levar em conta os vínculos entre os direitos humanos das mulheres, a soberania alimentar, o direito à alimentação e nutrição e a migração num contexto de globalização e com uma perspectiva de gênero que permita uma leitura interseccional e estrutural dessa questão.





## RESUMO

Este artigo tenta tornar visível a realidade da crescente população feminina que migra das Honduras, Guatemala e México para os Estados Unidos e a relação que existe entre a feminização da migração e a violação do direito humano à alimentação e nutrição adequadas. As condições específicas e particulares enfrentadas pelas mulheres que migram são analisadas. Para elas, a violência por razões de género soma-se ao modelo socioeconómico e a violência estrutural como causas fundamentais para migrar.

Neste contexto, a possibilidade de as mulheres terem acesso à terra e controlar a produção de alimentos é remota. Se a mulher permanece e quem migra é o homem, além de assumir todos os papéis sociais e familiares da pessoa que viaja, ela deve garantir a alimentação de toda a família ao mesmo tempo em que assume os compromissos económicos e sociais, e lida com o impacto emocional e psicológico da mudança. Se, por outro lado, ela decide migrar, frequentemente ela é vítima de roubo, extorsão e abuso sexual durante a jornada. Seis em cada dez mulheres que escolhem migrar são violadas.

Mesmo com todos esses riscos, durante a jornada para rumo ao norte, as mulheres muitas vezes continuam a assumir os papéis clássicos de cuidado, continuam a desempenhar o seu papel de mães, a cozinhar, procurar comida e lugar para dormir para elas e seus filhos.

Independentemente do facto de elas permanecerem ou migrarem, as mulheres são as primeiras a receber o impacto da violação de seus direitos, incluindo o direito à alimentação e nutrição adequadas. Por essa razão, geralmente são as mulheres que, no ambiente privado e quotidiano, estão à frente de todos os esforços e resistência por uma boa nutrição e alimentação.



## PRINCIPAIS CONCEITOS

- A feminização da migração está relacionada ao modelo socioeconómico e à violência baseada no género.
- O direito à alimentação e nutrição adequadas é afectado pelo aumento do rendimento das famílias graças a remessas feitas por familiares migrantes e pelo bombardeio de publicidade nos meios de comunicação.
- Migração como elemento histórico da mudança alimentar.
- Migração, alimentação e nutrição como direitos humanos.
- Resistência das mulheres pelo direito de migrar e de se alimentar.



## PALAVRAS- CHAVE

- Migração
- Mulheres
- Alimentação
- Caravana de migrantes
- Honduras
- Guatemala
- México
- Estados Unidos